

FORMAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DE LICENCIATURA DA UFG/JATAÍ - GO

TEACHER TRAINING IN HIGHER EDUCATION: A STUDY CONDUCTED AMONG UNDERGRADUATE STUDENTS FROM UFG/JATAÍ - GO

Camila Alberto Vicente de Oliveira 1

Resumo: O presente texto apresenta algumas conclusões de uma pesquisa que objetivou compreender a escolha pela licenciatura como formação na graduação pelo estudante, o envolvimento no curso e a construção de sua identidade profissional. Partiu-se da premissa que o curso de formação inicial é lócus fundamental para a formação identitária e buscou-se responder como esse processo de deu com licenciandos/as da Regional Jataí da Universidade Federal de Goiás. Como procedimento metodológico principal, foi aplicado questionário para estudantes ingressantes e concluintes de licenciaturas – de todas as áreas do conhecimento – ofertadas na referida instituição e, complementarmente, realizada entrevista coletiva com alguns estudantes desses cursos. Mediante a análise dos dados, foi possível reconhecer que esse aluno atribui valor significativo ao seu curso de graduação acreditando que este é a base para a sua futura atuação docente, revelando a importância dos cursos de formação inicial como determinantes para a construção da identidade profissional dos futuros professores.

Palavras-chave: Formação inicial; Licenciaturas; Identidade profissional.

Abstract: The present text presents some conclusions of a research that aimed to understand the choice for the licentiate degree as undergraduate training by the student, the involvement in the course and the construction of his/her professional identity. It was based in the premise that the initial training course is fundamental lócus for the identity formation, and we tried to respond how this process has happened among undergraduate students of the Federal University of Goiás - Regional Jataí. As a main methodological procedure, a questionnaire was applied to incoming students and graduates – from all areas of knowledge – offered at that institution and, in addition, it was held a collective interview with some students of these courses. Through the data analysis, it was possible to recognize that this student attributes significant value to his/her undergraduate course, believing that this is the basis for his/her future teaching performance, revealing the importance of initial training courses as determinants for the construction of the professional identity of the future teachers.

Keywords: Initial formation. Undergraduate degrees. Professional identity.

Doutora em Educação – Faculdade de Educação - USP/SP (2013). Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Regional Jataí – Universidade Federal de Goiás (REJ/UFG). Vinculada ao NUFOPE – Grupo de Estudos Formação de Professores e Práticas Educativas – REJ/UFG, desenvolve pesquisas sobre formação docente na educação básica e no ensino superior e sua articulação com políticas educacionais, Conselhos de educação e a qualidade socialmente referenciada. E-mail: camilaoliveira.ufg@gmail.com

Introdução

O presente texto tem por objetivo apresentar alguns elementos de uma pesquisa realizada em nível de doutorado em educação a qual teve como objetivo geral compreender o trabalho do docente universitário sob a perspectiva dos estudantes. Naquela oportunidade, a revisão de literatura apontava que havia uma tendência crescente de pesquisas envolvendo docentes nas Universidades, sua formação e prática pedagógica, porém o estudante – suas percepções, a relação com o ensino superior - tem sido ocultado nas pesquisas na área na qual a tese vinculou-se¹.

Aqui, destacamos as percepções dos estudantes de licenciatura em relação a sua formação inicial na graduação, sobre as escolhas pela licenciatura, o envolvimento com as disciplinas no/do curso e aspectos da construção da identidade profissional desse estudante.

Considerando a temática trabalho docente no ensino superior, escopo no qual o estudo esteve inserido, o presente texto intenta debater a constituição do ser professor destacando o processo de construção identitária que se dá nos cursos de licenciatura; buscando, diante disso, responder as seguintes questões: como a formação inicial contribui para a construção da identidade do professor? Quais aspectos, apontados por alunos, são fundamentais para uma formação que se articule com as escolhas profissionais do professor?

Para isso, foi aplicado um questionário para estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de licenciatura (de todas as áreas do conhecimento) da Regional Jataí, da Universidade Federal de Goiás considerando, como hipótese, que os estudantes concluintes – pela vivência nos respectivos cursos - poderiam ter um ponto de vista diferenciado para o curso e seus sentidos na formação docente. De forma complementar, foi realizada uma entrevista coletiva com alguns dos estudantes respondentes, garantindo a representatividade de ingressantes, concluintes de diferentes áreas.

A fim de contemplar os objetivos e a problemática anunciados o texto buscará apresentar alguns conceitos gerais sobre formação e identidade docentes, a abordagem metodológica, resultados e discussão a partir das respostas dos sujeitos e, finalmente, avanços em relação ao objeto de estudos.

Formação Docente no Ensino Superior

Nesse tópico, serão apresentados os principais referenciais teóricos utilizados na investigação em tela, buscando fundamentar dois conceitos: formação de professores e identidade profissional.

Dessa forma, toma-se a definição de Marcelo Garcia (1999), na qual a formação de professores pode ser compreendida como disciplina, como algo que pode ser ensinado, precisa contemplar alguns aspectos como: o fato de ser e ter objeto de estudo singular, de possuir metodologias e métodos consolidados, um código de comunicação próprio, conceituando da seguinte forma:

A formação de professores é uma área de conhecimentos, investigação, e de propostas teóricas e práticas, que no âmbito da Didática e da Organização Escolar, estuda os processos através dos quais os professores – em formação ou em exercício – se implicam individualmente ou em equipa, em experiências de aprendizagem através das quais adquirem ou melhoram seus conhecimentos, competências e disposições, e que lhes permite intervir profissionalmente no desenvolvimento do seu ensino, do currículo e da escola, com o objectivo de melhorar a qualidade da educação que os alunos recebem (MARCELO GARCIA, 1999, p.27).

Partindo disso, a formação de professores absorve um sentido fundamental no que se refere à organização da escola básica e de seus processos de ensino, mas pesquisas nessa área do conhecimento tem afirmado, reiteradamente, que a formação inicial de professores não tem alcançado os objetivos esperados (quais sejam: formar o professor comprometido com o ensino dos conteúdos historicamente acumulados para a população que – historicamente - esteve excluída

¹ Tese de doutorado: O que os estudantes universitários pensam sobre seus professores? Um estudo sobre os professores dos Cursos de Licenciaturas do Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás, vinculada a linha de pesquisa Didática, teorias de ensino e práticas escolares, defendida em 2013, FE/USP.

da escola e que, hoje, está em seus bancos, além de compreender a importância política de seu papel para a escola de qualidade), conforme afirmam Ghedin *et al* (2008, p.29)

Vários estudos tem mostrado que os profissionais não estão sendo formados e nem estão recebendo o preparo suficiente no processo inicial de sua formação docente para enfrentar a nova realidade da escola pública e as demandas hoje existentes, assumindo as novas atribuições que passam a ser cobradas dos professores.

Os mesmos autores (GHEDIN *et al*, 2008) ainda refletem apoiados em Tedesco (1998) que os cursos de formação de professores são insuficientes para atender aos desafios contemporâneos que exigem um conjunto de capacidades como resolver problemas, trabalhos em equipe, lidar com a imprevisibilidade do cotidiano escolar e, ainda, apontam, citando Pimenta

(...) pesquisas já desenvolvidas em relação à formação inicial de professores tem demonstrado que os cursos de formação ao desenvolverem um currículo formal com conteúdos e atividades de estágio distanciadas da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gerar uma nova identidade profissional (PIMENTA, 1999 apud GHEDIN *et al*, 2008, p. 30)

Os cursos de formação docente precisam, nessa perspectiva, romper com o paradigma da racionalidade técnica: “aquela que considera o [futuro] professor como um transmissor de conhecimentos, formação de atitudes de obediência [...]” (GHEDIN *et al*, 2008, p.30) e partilharem uma formação de um professor que seja capaz de compreender o contexto no qual a escola está inserida, os processos de ensinar e de aprender e processos formativos gerais, valorize o projeto político pedagógico da escola, contribuindo para a formação de pessoas para participarem ativamente da sociedade na qual estão inseridas em uma perspectiva de mudança.

Romper com esse paradigma pode implicar, para Libâneo (2001), resgatar o sentido do papel e da identidade cuja especificidade é a arte de ensinar.

Para isso, tem em sua formação inicial um momento privilegiado para apreender um conjunto de habilidades, conhecimentos e requisitos que são essenciais para o exercício de sua função. A isso, o autor dá o nome de profissionalidade e dessa conquista serão derivadas outras duas etapas de sua formação: a profissionalização e o profissionalismo. O autor (2001) nos coloca que a profissionalização refere-se às condições para o bom exercício da docência: formação (inicial e continuada) e condições de trabalho (salário, recursos físicos e materiais) adequadas. Já o profissionalismo refere-se ao desempenho competente do professor no que tange aos deveres e às responsabilidades que são inerentes à sua profissão, bem como, o seu comportamento ético e político.

Nesse estudo, Libâneo defende que para garantir a profissionalidade docente, o ensino como atividade específica do professor e da escola, a busca por melhor formação e condições de trabalho e pelo retorno do significado social do ser professor deve se dar simultaneamente e defende “Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio como para a sociedade ele perde a identidade com a sua profissão. O mal-estar, a frustração, a baixa auto-estima, são algumas consequências que podem resultar dessa perda de identidade [...]” (LIBÂNEO, 2001, p.65).

A construção e o fortalecimento da identidade profissional deve fazer parte do currículo dos cursos de formação continuada segundo Libâneo (2001) e, ainda, fazer parte da formação continuada já que é no contexto do trabalho docente que a identidade do professor se consolida.

Teodoro (1998) é outro autor que tem se preocupado com o estudo da identidade e da formação docentes. Parte da mesma convicção de Carrolo (1997) quando afirma que há a identidade individual – biográfica - e a identidade coletiva - relacional.

Analisar a identidade docente em uma perspectiva sociológica significa para esse autor (CARROLO, 1997) considerar como objetos de estudos privilegiados as origens sociais e as histórias de vida dos professores, a formação e as instituições de formação[...] numa ponderada articulação

entre os dois processos identitários, biográfico e relacional.

Caminho bem desenhado para apresentar a discussão sobre identidade docente delinea Schaffel (2000). A autora (SCHAFFEL, 2000) parte da afirmação que indica a identidade enquanto produto da socialização, que se por sua vez, se refere à construção do sentimento de pertencimento a um grupo, assumindo individualmente características, atitudes e comportamentos que são coletivos. Essa análise permite afirmar que a identidade, uma vez que se relaciona a um grupo social, é histórica e, portanto faz a mediação entre as pertinências do passado (identidades herdadas) e as tendências do futuro.

A identidade profissional, ainda seguindo o raciocínio de Schaffel (2000), por sua vez, é uma das identidades possíveis, já que uma pessoa pode pertencer a vários grupos. Segundo a autora (SCHAFFEL, 2000, p.108) “o emprego considerado cada vez o centro do processo identitário e a formação profissional está cada vez mais diretamente ligado a ele”.

Apoiamo-nos nessas bases conceituais para discorrer sobre a constituição do ser professor, os processos formativos na graduação em licenciatura mediante as percepções dos/as estudantes desses cursos em uma Universidade no interior do país.

Constituição do Ser Professor: Formação Inicial e Identidade Docente

No contexto da organização da educação brasileira, discutir a constituição do ser professor – formação inicial e identidade, portanto sua profissionalização – ocupou lugar privilegiado nas pesquisas em Didática e formação de professores; contudo, atualmente, tem se tornado uma atividade contraditória.

Se por um lado, tornar-se professor, profissionalizar-se tem uma “aura positiva”, entendido como

“qualidade, excelência, competência, eficácia e produtividade”, essa noção ajuda a produzir consensos porque remete a uma valoração positiva, a um estado que todos almejam. Incluído no rol dos “vocábulos positivos” que alicerçam o discurso reformador, o termo “profissional” remete às noções de competências, credenciais, autoridade legitimada por um conhecimento específico e autonomia para exercer um ofício; remete a domínio de saber específico, próprio de um campo de atuação que requer formação específica em instituição credenciada, preferencialmente de nível superior. De outro lado, corresponde ao status de uma categoria que possui um código de ética, uma carreira, um plano de cargos e salários, um conselho que regulamenta, credencia e confere direito ao exercício profissional. Nesses termos, profissionalizar a docência seria de interesse universal, aparentemente atendia à demanda de vários segmentos sociais. Assim, rapidamente, o movimento de profissionalização ganhou adeptos (SHIROMA e EVANGELISTA, 2011, p. 129).

Inegavelmente, defende-se a excelência na formação e na prática, conhecimento específico e autonomia para o exercício da profissão, carreira, código e postura éticas, plano de carreira e condições de trabalho e disso desprende-se que a constituição e profissionalização docentes é *sine qua non* para a identidade docente.

Porém, por outro lado,

A conjuntura que favoreceu a retomada da ideia de profissionalização docente ligava-se a dois movimentos importantes, ambos de desqualificação do trabalho educativo, muito especialmente do trabalho do professor da rede pública de ensino. A racionalidade política construída pelos

reformadores apresentava diagnósticos procurando sustentar a tese de que as condições do ensino público no Brasil eram precárias, mas que esse não era o motivo de sua má qualidade. Disseminaram argumentos aproximando o ataque ao fracasso escolar com o ataque ao professor, considerado o principal sujeito responsável pela produção do baixo desempenho dos alunos nos exames.

Dessa primeira desqualificação decorria uma segunda, a de que as instituições formadoras não estavam adequadamente preparadas para formar o docente necessário à sociedade contemporânea (SHIROMA e EVANGELISTA, 2011, p. 130).

Tomando por base essa segunda citação das autoras (SHIROMA e EVANGELISTA, 2011), o discurso em defesa da profissionalização (formação e identidade) pode ser o “canto das sereias” para a responsabilização do docente pelas mazelas da educação, para imputar sobre os professores a necessidade de realização de provas e avaliações que meçam a sua capacidade e competência profissionais e esse mesmo discurso revela, ainda, a culpabilização das agências formadoras de professores, afirmando que estas seriam inadequadas para formar docentes aptos a atenderem as novas exigências sociais e educacionais colocadas, atualmente, para as escolas, apontando para cursos aligeirados, baseados nos “praticismos”, como correias de transmissão das políticas educacionais que esvaziam o sentido formativo e humano das escolas.

Diante disso, defender a constituição do ser professor - entendida como algo que mobiliza a formação inicial nos cursos de licenciatura, processos identitários e de carreira (salário e condições de trabalho fundamentalmente) – é atuar na contradição, ocupar os espaços que temos com vistas ao professor e a escola que queremos.

Procedimentos Metodológicos

Para alcançar as respostas para as questões colocadas pela pesquisa e para conseguirmos dialogar com os estudantes de licenciatura, sujeitos nesse estudo, compreendemos que foi necessário o uso de técnicas de pesquisa com um olhar qualitativo, como o aprofundamento teórico/bibliográfico sobre os temas em estudo (formação inicial, identidade docente) e o uso de questionários (para caracterizar esses sujeitos e levantar impressões mais amplas dos estudantes em relação aos objetivos da pesquisa).

Além do aprofundamento bibliográfico e da aplicação de questionários, foi realizada entrevista coletiva (que não será detalhada neste estudo) na qual tanto as representações que os estudantes trazem do período de escolarização básica, quanto a avaliação que estabelecem da atuação do professor da universidade foram debatidos, verificados, dialogados, a fim de estabelecer uma triangulação dos dados que tem como “objetivo básico abranger a amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco de estudo” (TRIVIÑOS, 2007, p.138).

Optou-se pela aplicação de questionários, somente para os estudantes ingressantes e concluintes de todos os cursos de Licenciaturas da Regional Jataí, dado o número de estudantes desses cursos (por volta de oitocentos alunos) e pela hipótese de que a visão dos ingressantes e concluintes poderia ser diferente e, com isso, foram aplicados duzentos e trinta e cinco questionários.

O ingressante traria recentes as referências da forma de organização do ensino médio e, por sua vez, o concluinte já teria tido aulas com a maioria dos professores dos cursos, já tivera avanços e insucessos e, supostamente, conseguiria e/ou deveria posicionar-se em relação à Universidade, o trabalho do seu professor e a formação que lhe é oferecida, apontamentos esses que serão debatidos posteriormente.

A partir da organização dos dados foram construídos quadros sinópticos de acordo com as duas partes centrais do questionário: a primeira parte que contempla questões formuladas para traçar o perfil do estudante e a segunda parte que abarca questões relacionadas aos sentidos atribuídos pelo aluno para as disciplinas, os professores e o curso que frequenta, dados esses que serão privilegiados nessa comunicação.

Para esse texto, serão apresentados os dados que podem ser reunidos em três grupos: as escolhas pela licenciatura como formação na graduação, o envolvimento no curso e a construção

da identidade profissional do estudante de licenciatura.

Buscou-se, a partir dessas informações, uma análise imanente de seu próprio conteúdo levando em consideração que esse paradigma de análise “recusa qualquer paradigma científico ou metodológico *a priori*, reconhecendo que só a escavação das entificações, por meio de abstrações razoáveis, pode levar ao conhecimento do real em seu significado próprio” (CHASIN, 2000, p.2). A análise do conteúdo das respostas aos instrumentos teve uma abordagem qualitativa considerando que esse tipo de pesquisa “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.13).

Resultados e Discussões

O município de Jataí localiza-se na mesorregião sudoeste goiano, distante 300 quilômetros da capital, Goiânia. A Universidade Federal de Goiás iniciou as atividades em Jataí em 1980 e, hoje, a ainda chamada Regional Jataí² desta Universidade tem 25 cursos de graduação em todas as áreas do conhecimento, cinco programas de pós-graduação *stricto sensu*, dentre outros. Desses, são ofertadas licenciaturas em: Pedagogia, Letras – Português, Letras- Inglês, História, Geografia, Matemática, Física, Química, Ciências Biológicas e Educação Física.

conforme afirmado, trataremos aqui de três aspectos relacionados à constituição do ser professor: as escolhas pela licenciatura como formação na graduação, o envolvimento no curso e a construção da identidade profissional do estudante de licenciatura.

Sobre as escolhas pela licenciatura como formação na graduação, para a maioria dos estudantes, tanto ingressantes quanto concluintes, a primeira opção de curso no vestibular foi aquela licenciatura na qual ingressou.

Entre aqueles alunos que afirmaram que o curso não fora sua primeira opção foi possível identificar cursos de licenciatura, de bacharelado das mais diferentes áreas, por ordem de ocorrência: Psicologia, Direito, Enfermagem, Administração de Empresas, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária, Agronomia, Fisioterapia, Biomedicina, Nutrição, Jornalismo.

Em relação aos cursos mais específicos – ou para os quais houve apenas uma ocorrência – que os estudantes identificaram como possível primeira opção observa-se: Design de Moda ou de Interiores (estudante de Ciências Biológicas), Artes Cênicas (estudante de Educação Física), Comércio Exterior (estudante de Geografia), Ciências Aeronáuticas (estudante de História), Publicidade e Propaganda (estudante de Letras – Português), Engenharia Elétrica (estudante de Matemática), Arquitetura e Sistemas de Informação (estudantes de Pedagogia), Ciência da Computação e Farmácia (estudantes de Química).

Dentre as razões pelas quais o estudante não pôde cursar a primeira opção de curso de graduação destacam-se (por frequência de ocorrências): o curso é integral e o estudante precisa trabalhar; o curso fica em outra cidade; o curso é oferecido apenas em faculdade particular em Jataí, não foi aprovado no vestibular e começou a cursar nas não se identificou com o curso.

As principais razões que levaram o estudante a optar pelo curso de licenciatura o qual frequenta é a afinidade e o “gosto” pela área.

Em relação a escolha profissional dos ingressantes no ensino superior, Pagotti e Rezende (2003, p.180) destacam a importância do papel do docente universitário nesse processo:

O professor no início do processo formativo deve saber acompanhar os caminhos que o aluno percorre e deve sempre que necessário orientar e re-orientar o aluno. Isso porque o aluno, quase sempre, não está seguro daquilo que quer. Estudos [...] têm destacado que grande parte da população estudantil não opta pelo “curso dos sonhos”, mas sim pelo curso possível e a maioria dos alunos que o conclui tende a construir uma identificação com a carreira escolhida. Assim, aprendem a gostar do curso. [...] É nesse ponto que a função docente, esclarecedora e orientadora, ganha relevância.

² Em março de 2018, a Presidência da República autorizou a criação da Universidade Federal de Jataí a partir do desmembramento da Universidade Federal de Goiás.

Destaca-se, ainda, que a opção pela licenciatura para desejar, querer tornar-se professor é citado por estudantes de todos os cursos: elemento relevante na compreensão do perfil do licenciando. Outras razões citadas pelos alunos estão: para ampliar conhecimentos, por ser um curso noturno ou matutino (Educação Física), pelas oportunidades de trabalho, pela (baixa) concorrência no vestibular, ter diploma e/ou formação superior, ter qualificação, poder cursar pós-graduação, influência de pais, familiares e amigos e conquistar estabilidade financeira. Esse movimento pode ser verificado em um trecho da entrevista coletiva, especificamente no depoimento do estudante concludente do Curso de Geografia:

Então os alunos chegam ao final do curso convencidos de que talvez ser professor é uma oportunidade interessante.

É! Só que a experiência de aplicação de conteúdos e de como fazer métodos e pedagogia de ensinar o conteúdo, ele realmente vai se sentir maravilhado depois de um ano ou dois que ele estiver dando aula na rede. Estou dizendo assim, no processo de ensino da pedagogia de como levar aquele conteúdo, não a questão da política do ensino no nosso país, da política ao professor porque isso aí a gente sabe que é péssimo (Concludente – Geografia).

O mesmo depoimento ainda permite refletir sobre o envolvimento no curso e a construção da identidade profissional, entendido como processo, no qual as respostas para questões que versavam sobre o objetivo do estudante ao buscar formação superior/universitária aproximam-se daquelas justificativas que o motivaram a escolha pela licenciatura. Almeja-se, prioritariamente, ter uma profissão na área de interesse, conseguir um (bom) emprego, salário e condição de vida, ter curso superior, tornar-se professor.

Dentre alguns dos outros objetivos citados pelos estudantes destacam-se: estar apto para prestar concurso público, ampliar conhecimentos, realização pessoal, contribuir com a qualidade do ensino em nível local e em outros níveis (estadual, nacional), ter status social, cursar mestrado e doutorado, aprender outra língua (no caso, inglês) e ter formação superior para uma função que já exerce.

As expectativas lançadas pelo estudante ao curso superior se assemelham àquelas encontradas por D'ávila e outros (2011) em pesquisa realizada com estudantes de cursinhos populares vinculados a uma Universidade Federal no sul do país. Nessa pesquisa, a partir de entrevistas com estudantes de cursinhos que pleiteavam ingressar na Universidade pública, foi possível perceber que

O discurso da qualificação, amplamente veiculado na sociedade neoliberal, prega o contínuo aprimoramento do sujeito e de suas competências e qualificações, dando a ideia de que ele nunca está pronto para se inserir no mercado de trabalho, o que também tem como consequência a necessidade do aumento da escolaridade (D'ÁVILA e outros, 2011, p. 355)

Além da questão da qualificação e da necessidade constante em atualizar-se para inserir-se ou manter-se no mercado de trabalho, os mesmos autores (D'ÁVILA e outros, 2011, p.356) evidenciam que o “projeto de acessar o ensino superior representa também a possibilidade de acesso a uma situação econômica mais tranquila [...]”; expectativa essa presente nas escolhas feitas também pelos licenciandos da Regional Jatá e, ainda, a possibilidade de que - através da formação universitária - o estudante possa “ser alguém”.

Nas palavras de D'ávila e outros (2001, p.357):

o projeto profissional de ingresso no ensino superior torna-se necessário para “ser alguém” no contexto atual da sociedade

brasileira, uma vez que é pela via do trabalho, através da profissionalização, que se considera poder ocorrer mais facilmente essa inserção, e, dessa forma, passarem a acessar outros espaços da sociedade que, em momentos anteriores, permaneciam inacessíveis

Predominantemente, os estudantes afirmaram que a graduação é a base da atuação profissional e que é nessa etapa que ocorre a aquisição de conhecimentos para a vida profissional. Contudo, também indicaram que muitos conhecimentos são adquiridos na prática, que o aprendizado do professor precisa ser continuado e, também que a formação na graduação, além ser espaço para formação profissional, é um espaço de formação humana. Um estudante, concluinte do Curso de Ciências Biológicas destaca essas limitações ao afirmar que

Você vai dar uma aula, por exemplo, pode ser qualquer conteúdo dentro de botânica, você vai dar o ciclo reprodutivo e é muito maçante, tem muito nome, muitos nomes estranhos e você tem que ensinar uma linha de pensamento diferente às vezes, que pro aluno é muito complexo. Durante o estágio muitos alunos reclamavam, chegavam pra mim: ‘Olha, quando você for dar aula você fala o que que é isso, explica direito que a pessoa às vezes esquece, a gente não entende...’ Acredito que todas as pessoas aqui têm as suas dificuldades, mas assim pra gente fica faltando isso, ‘como é que eu vou ensinar o ciclo reprodutivo de determinada coisa ou vou explicar pra ele como é que o cérebro funciona? [...] fica naquela ‘vamos criar algo novo’, só fica nessa: ‘vamos criar algo novo’, ‘vamos fazer um joguinho...’, ‘vamos fazer uma maquete’, no curso quer produzir o conhecimento.. Fica nessa de que acha que biologia você só ensina montando algum experimento,” “aula diferente”, não busca formar a gente pra ensinar aquilo.

Não ensina a gente ensinar aquele conteúdo e aí a gente chega pra dar aula no ensino fundamental II, como eu cheguei lá, extremamente difícil porque eu estou com um pensamento extremamente complexo da universidade e chego lá e tenho que ensinar pra eles pela primeira vez aquele conteúdo, então pra gente é difícil. Você sabe que tal coisa é assim e assim, mas como você vai jogar aquilo pro aluno, pra que ele compreenda mais fácil, então é aí que a gente sofre mais...

Como o conhecimento, digamos assim, do conteúdo, a gente adquiriu. Agora a prática, de como foi feito, de como utilizar [...] (concluinte – Ciências Biológicas).

Apesar do relato desse estudante destacando a falta de articulação entre a formação teórico-prática, as respostas dos acadêmicos dialogam com a afirmação de Libâneo (2001, p. 68) a qual afirma que “identidade profissional é: o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor”.

Sabemos que a profissão de professor vai assumindo determinadas características - isto é - determinada identidade – conforme necessidades educacionais colocadas em cada momento da história e em cada contexto social (PIMENTA apud LIBÂNEO, 2001, p. 68) Para atuar conforme as necessidades históricas contemporâneas, outras competências, além das tradicionais como saber ensinar, estão colocadas para o professor modificando seu papel. Um estudante, concluinte do Curso de História, destaca a percepção que teve ao longo do curso no que se refere à complexidade do ser professor e a multidimensionalidade dos processos de ensino

O nosso estágio não foi apenas prático, foi teórico também. A gente discutia textos, debatia a própria vivência da escola e isso foi muito rico, no sentido, por exemplo, da gente

perceber que a escola é uma estrutura que engessa de certo modo só que a gente tem possibilidade de você trabalhar ali dentro, mesmo com essa estrutura que engessa. E pensar, por exemplo, numa forma, não como uma receita, mas refletir mesmo sobre a possibilidade de você ensinar os conteúdos e ir numa perspectiva que possa construir a autonomia do aluno, que faça com que o aluno desenvolva a habilidade de interpretação [...] (concluente – Curso de História)

Para acompanhar essa transformação no mundo, no trabalho e na identidade docente a autora sugere a avaliação das competências e saberes necessários para atuação do professor pelos cursos de formação inicial e continuada de professores estreitando a relação entre a formação, a constituição do ser professor e a prática pedagógica nas escolas, elementos esses também destacados pelo estudante do Curso de História ao identificar, nesse caso, aspectos gerais da escola que se sobrepõe ao ofício didático.

Considerações Finais

O recorte da pesquisa discutido nesse texto propôs-se a debater os sentidos atribuídos aos cursos de licenciatura como formação inicial pelos seus estudantes, futuros professores, concordando com a afirmação corrente de que esse é um dos espaços decisivos nos processos de constituição do ser professor.

Os sujeitos da pesquisa, licenciandos de várias áreas do conhecimento da Regional Jataí da Universidade Federal de Goiás, manifestam a importância desse *locus*/momento como fundamentais à futura atuação docente, apesar de afirmarem que uma parte significativa do ser professor aprende-se na prática docente, assertiva essa a partir da qual podemos inferir que a Universidade precisa se aproximar mais das escolas públicas garantindo maior articulação entre a formação e prática docentes, temáticas recorrentes na área de Didática.

Os estudantes, ainda, apontam que buscam a licenciatura como uma alternativa para a garantia da empregabilidade (renda e melhores condições de vida) e opta pelo curso exatamente pelas condições que o permitem estudar e trabalhar, sem precisar deslocar-se do município que reside, por ser se tratar de um curso noturno. A clareza da escolha pela licenciatura, mesmo não sendo a primeira opção de um grupo de estudantes, pode ser usado como ponto de partida para a construção dos processos identitários na formação inicial.

Ao retomarmos as questões de pesquisa: como a formação inicial contribui para a construção da identidade do professor? Quais aspectos, apontados por alunos, são fundamentais para uma formação que se articule com as escolhas profissionais do (futuro) professor? percebem-se importantes indícios para a pesquisa sobre ensino superior e o professor dessa etapa de ensino, uma vez que ao indicar as percepções dos estudantes revela a necessária participação desse ente do processo de ensino como sujeito das pesquisas sobre o ensino praticado na Universidade; aponta, ainda, para a premente articulação da prática do docente na Universidade com as necessidades formativas dos estudantes, faz-se mister partir das escolhas – e a pesquisa apontou que essas são conscientes e cada vez mais a escolha pela licenciatura tem como foco para o estudante a formação e o trabalho docente – dos alunos, mas evitando o “canto das sereias” levantado por Shiroma e Evangelista (2011) de que a formação e profissionalização docentes são a panaceia da educação pública.

Dessa forma, concluímos que pesquisas dessa natureza são necessárias e pertinentes para as áreas de Didática - considerando-a como aquela cujo objeto refere-se ao ensino em suas múltiplas dimensões -; Formação de professores e Práticas de ensino, pois partindo do ponto de vista dos futuros professores, é possível propor encaminhamentos para os docentes universitários em suas práticas na formação de professores, garantir o envolvimento em projetos pedagógicos de licenciatura tomem por base as expectativas dos alunos para a constituição do ser professor.

Referências

CARROLO, Carlos. Formação e identidade profissional dos professores. In: ESTRELA, Maria Teresa (org). **Viver e construir a profissão**. Porto: Porto Editora, 1997.p.22-50

CHASIN, Milney. Apresentação. In: CHASIN, J. **A Miséria Brasileira 1964-1994: do golpe militar à crise social**. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 2000. p. 2-4.

D'AVILA, Geruza Tavares et al. Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 5 de maio de 2013.

GHEDIN, Evandro; ALMEIDA, Maria Isabel de; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **Formação de professores**. Caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Líber, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. O professor e a construção da sua identidade profissional. In: _____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.p.62-71.

Ludke Menga, André, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores – Para uma mudança educativa**. Lisboa: Porto, 1999. Coleção Ciências da Educação – Século XXI.

OLIVEIRA, Camila A.V. de. **Formação de professores: identidade e "mal-estar docente"**. Universidade Estadual Paulista. 2005. 160f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP, 2005.

OLIVEIRA, Camila A.V. de. **O que os estudantes universitários pensam sobre seus professores?** Um estudo sobre os professores dos cursos de licenciatura do Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás. 2013. 161f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PAGOTTI, Antonio Wilson e REZENDE, Marilza Abrahão P. A docência, o aluno ingressante no ensino superior e a escolha profissional. In: MALUSÁ, Silvana e FELTRAN, Regina Célia de Santis (orgs). **A prática da docência universitária**. São Paulo: Factash Editora, 2003. p. 137-198.

SCHAFFEL, Sarita Lea. A identidade profissional em questão. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SHIROMA, Eneida O. e EVANGELISTA, Olinda. Avaliação e responsabilização pelos resultados: atualizações nas formas de gestão de professores. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 29, n. 1, 127-160, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://gepeto.ced.ufsc.br/files/2015/03/avaliacao1.pdf>. Acessado em 17 de outubro de 2017.

TEODORO, Antonio. Crise de identidade nos papéis e na formação de professores. Quatro tópicos a partir de uma leitura sociológica. **3º. Encontro Ibérico e História da Educação- Braga**: Junho de 1998, p.1-8.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2007.

Recebido em 30 de setembro de 2018.

Aceito em 6 de novembro de 2018.